

# As violências sexuais: o estupro como uma dor recorrente nas escrituras de Conceição Evaristo

**Celiomar Porfírio Ramos**

Doutorando em Estudos Literários  
Universidade do Estado de Mato Grosso

E-mail: [celiomarramos@hotmail.com](mailto:celiomarramos@hotmail.com)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5039-0893>

**Rosineia da Silva Ferreira**

Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais  
Universidade de Brasília

E-mail: [rosineia.ferreira@gmail.com](mailto:rosineia.ferreira@gmail.com)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6813-1224>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Fluxo contínuo

**Volume 6**

**Número 1**

**Recebido em:** 11/04/2020

**Aprovado em:** 18/01/2021

## **Resumo**

Este trabalho realiza um estudo acerca das violências sexuais, dando ênfase ao estupro como um elemento recorrente nas escrituras da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. Buscou-se mapear em sua produção literária – contos, romances e poemas – as personagens vítimas dessa violência e, para refletir sobre as violências perpetradas contra os corpos femininos negros e, além disso, acerca da presença das mulheres negras na literatura brasileira, utilizou-se do seguinte apoio teórico e crítico: Bourdieu (2017), Bonamigo (2008), Dalcastagnè (2005;2007;2008), Duarte (2010) e Saffioti (1999; 2004).

## **Palavras-chave:**

Violência; Estupro; Escrivência; Conceição Evaristo.

## 1 Considerações iniciais

A professora e pesquisadora Regina Dalcastagnè, ao realizar uma pesquisa sobre o romance contemporâneo brasileiro, por um período de quinze anos, compreendidos entre 1990 e 2004, nos romances publicados nas editoras mais importantes<sup>1</sup> do país – Companhia das Letras, Record e Rocco – chega à seguinte conclusão em seu texto **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea** (2007):

Tal como outras esferas de produção de discurso, o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão. Nossos autores são, em sua maioria, homens, brancos (praticamente todos), moradores dos grandes centros urbanos e de classe média – e é de dentro dessa perspectiva social que nascem suas personagens, que são construídas suas representações (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18)

Essa compreensão é, sem dúvida, de suma importância, pois nos permite pensar sobre quem tem se assenhorado da pena, ao longo dos anos e, conseqüentemente, constituído a representação literária brasileira, o que resulta, dentre outras conseqüências, no apagamento de alguns grupos sociais e, também, na manutenção de alguns estereótipos.

Consciente disso, Regina Dalcastagnè utiliza o termo **perspectiva social**, cunhado pela filósofa e cientista política estadunidense Iris Marion Young, na obra *Inclusion and democracy* (2000), mencionada em seu texto **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea** (2008), para sustentar a ideia de que as pessoas localizadas em diferentes segmentos da sociedade terão experiências, histórias e conhecimentos sociais distintos, em virtude do lugar que ocupam. Posteriormente, responsabiliza a pequena parcela produtora de literatura – composta majoritariamente por homens brancos, dos grandes centros e de classe média – pelo recorrente silenciamento/apagamento de alguns grupos sociais, bem como seus estereótipos na literatura brasileira contemporânea.

Dado o exposto, a autora defende uma “pluralidade de perspectivas sociais”, justificando que:

Assim, negros e brancos, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 90-91)

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que Regina Dalcastagnè deixa claro que as editoras mais importantes não são, necessariamente, as maiores; porém, os livros publicados por essas editoras são aqueles que, em curto prazo, têm a propensão de influenciar outros escritores.

É preciso, conforme apontou a pesquisadora acima, que outras vozes, aquelas silenciadas, constituídas por discursos “menores”, tenham a oportunidade de expor sua **perspectiva social**; todavia, apesar de necessário, nem sempre isso acontece, pois há elementos na sociedade brasileira que corroboram a manutenção do silenciamento de certos segmentos sociais.

Os negros, conforme citado, pertenceram ao grupo daqueles que eram falados, ou seja, foram objetos da literatura, muitas vezes, marcados por estereótipos e, além disso, poucas vezes assenhoram-se da pena, dado o passado colonial e, hoje, em virtude do racismo. No que diz respeito às mulheres negras, elas enfrentaram/enfrentam obstáculos que, somados a outros, contribuem para que ocupem a base da pirâmide social, estando abaixo do homem branco, da mulher branca e do homem negro, resultando, então, em maiores vítimas das forças de opressão e, por conseguinte, de diferentes elementos que corroboram o seu silenciamento, tais como raça, gênero e classe social.

## 2 A mulher negra ao assenhorar-se da pena

A mulher negra foi representada, por um longo período, na literatura brasileira, apenas a partir da **perspectiva social** do homem branco, conforme mencionado acima. Isso resultou na construção de uma representação deturpada de sua imagem, marcando-a com estereótipos que alimentaram e retroalimentam, ainda hoje, a visão que se tem das mulheres negras. Leda Maria Martins, refletindo sobre a presença de tais mulheres na literatura brasileira, em seu texto *O feminino corpo da negrura* (1996), afirma que, geralmente, essas mulheres são representadas a partir de três estereótipos: **a mãe preta, a empregada doméstica** ou **a mulata**.

Todavia, há, hoje, uma produção literária de mulheres afro-brasileiras que estão travando uma luta para rasurar tais estereótipos e, por conseguinte, (re)escrever a história e as estórias, a partir de sua **perspectiva social**. Dentre tais autoras contemporâneas que se empenham em tal ação, há Conceição Evaristo, uma intelectual que tem um projeto literário-estético-político voltado para esse propósito, produzindo escrituras – textos ensaísticos, romances, contos e poemas –, a partir de suas experiências como mulher negra, de origem pobre e ex-moradora de favela.

Conceição Evaristo ressalta a importância da autorrepresentação da mulher negra. Em seu texto *Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira* (2005), ela afirma que, se há uma literatura brasileira que se propõe invisibilizar e/ou ficcionalizar as mulheres negras, a partir de estereótipos, há outro discurso literário que se levanta, visando rasurar a imagem marcada por estereótipos. Esse outro discurso literário é a escrita de mulheres negras, que, ao assenhorar-se “da pena” buscam uma autorrepresentação, criando, então:

Uma literatura em que o **corpo-mulher-negra** deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como **sujeito-mulher-negra** que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira (EVARISTO, 2005, p. 54 – grifos da autora)

Sendo assim, podemos conceber que a escrita de Conceição Evaristo é interseccional<sup>2</sup>, por pensar, simultaneamente, em aspectos relacionados ao gênero, à raça e à condição social, elementos que, atrelados a outros, contribuem para colocar a mulher negra à margem da sociedade. Ao assenhorar-se da pena e escrever e se inscrever, como mulher negra, num contexto em que a “carne mais barata do mercado é a carne negra”, como canta e denuncia Elza Soares; em que as mulheres negras são as principais vítimas de violências, muitas vezes, culminando em feminicídio, como nos informa o **Atlas da Violência** (2019); e, ainda, que as desigualdades sociais no Brasil têm como elemento estruturante o racismo e o sexismo, segundo afirma Tânia Dias Silva, em **Mulheres negras, pobreza e desigualdade**, texto presente no **Dossiê Mulheres Negras** (2013), a escrita de Conceição Evaristo apresenta-se, então, como uma escrita que visa denunciar as violências que perpassam os corpos femininos negros.

É importante ressaltar que utilizamos, aqui, violências no plural, pois, segundo Irme Salete Bonamigo afirma, em seu ensaio **Violências e contemporaneidade** (2008), pensando em especial nas violências urbanas, elas estão vinculadas à contemporaneidade, sendo resultado de diferentes motivações, contextualizadas, a partir de espaços distintos e, por isso, faz-se necessário abranger, no que diz respeito à investigação relacionada ao tema, a diversidade e, também, a multiplicidade que as constituem. O exposto por Bonamigo nos leva à compreensão de que uma violência está vinculada à(s) outra(s).

Se pensarmos nas mulheres negras e nas violências que atravessam seus corpos, poderemos compreender que a hipótese defendida por Irene Salete Bonamigo se valida, uma vez que as mulheres negras, muitas vezes, são vítimas de violências interseccionais – de gênero, raça e classe social.

Apesar de as violências serem uma realidade diária, na vida das mulheres, sobretudo das negras, a professora Constância Lima Duarte, em seu texto **Gênero e violência na literatura afro-brasileira** (2010), afirma que, como leitora e pesquisadora, durante um longo período, a literatura brasileira escrita por mulheres brancas pouco tratava de temas que são urgentes, portanto, não deveriam ser ignorados. Dentre eles, aponta as violências que atravessam os corpos femininos, as

---

<sup>2</sup> Termo proposto por Kimberlé Crenshaw, professora de Direito da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Ela é uma importante ativista norte-americana em causas relacionadas aos direitos civis, bem como na teoria legal afro-americana e do feminismo. Interseccionalidade tem como objetivo considerar e “identificar melhor o que acontece quando diversas formas de discriminação se combinam e afetam as vidas de determinadas pessoas” (CRENSHAW, 2004, p.11)

dores que assolam as mulheres, inclusive os espancamentos e estupros que as marcam física e psicologicamente:

**E foi participando um pouco de tudo isso que me dei conta, enquanto lia a literatura de autoria feminina, da ausência dessa dor.** E uma pergunta me perseguia: por que as escritoras não falam dessa realidade? Não quero generalizar. Claro que há narrativas que mencionam ‘maridos brutos’, numa velada referência ao abandono e à violência doméstica; e, aqui e ali, há denúncias de assédio sexual contra operárias pobres, como as que Pagu realiza em Parque Industrial. **As escritoras de antigamente lidaram melhor com a violência simbólica, daí tantas representações de desamor, solidão, auto-conhecimento, busca de identidade, descoberta da sexualidade...** (DUARTE, 2010, p. 230 – grifos nossos).

As observações de Constância Lima Duarte nos convidam, como leitores e pesquisadores, a refletir sobre a escrita de mulheres brancas, sobretudo, pensando os aspectos relacionados às violências, aliás à ausência de violências, ressaltando que há algumas escritoras que tratam o tema, porém, ainda de forma limitada, dando ênfase principalmente às violências simbólicas<sup>3</sup>.

Quando a pesquisadora tem contato com as publicações do grupo Quilombhoje, nos **Cadernos Negros**, depara-se com uma escrita que falava/denunciava as violências que perpassam os corpos femininos, e constata que, enquanto tal tema era recorrente na produção de mulheres negras, ele era pouco observável na literatura brasileira escrita por mulheres brancas.

Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Lia Vieira, Miriam Alves, Sônia Fátima da Conceição e Vera Lúcia Barbosa, entre outras, publicadas nos **Cadernos Negros**, com o fazer literário, expuseram e, ao mesmo tempo, denunciaram a dor das mulheres, sobretudo, das mulheres negras e as violências que atravessam seus corpos.

Neste texto focaremos a produção literária de Conceição Evaristo, evidenciando, nos diferentes gêneros literários produzidos pela autora – romance, conto e poema – as violências contra os corpos femininos negros. Apesar de termos consciência, com base em Bonamigo, de que uma violência sempre estará atrelada a(s) outra(s), trataremos, prioritariamente, a violência sexual, enfatizando o estupro.

Conceição Evaristo, ao trazer para o centro de sua escrita aquelas que estiveram sempre à margem da sociedade brasileira e, por conseguinte, silenciadas, esquecidas e estereotipadas na literatura hegemônica brasileira, as mulheres negras, expõe o que foi recalcado nessa literatura, ou seja, as vozes subalternas, as violências sobre os corpos femininos negros.

Sendo assim, podemos conceber a escrita de Conceição Evaristo como uma literatura feminina e feminista negra, sobretudo, se considerarmos as ponderações

---

<sup>3</sup> O termo “violência simbólica” remete à obra de Pierre Bourdieu *Dominação Masculina* (2017). Neste contexto, é compreendido como o modo que o homem, a fim de realizar a manutenção da dominação masculina, busca realizar uma “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas [as mulheres]” (BOURDIEU, 2017, p. 12).

de Patrícia Rainho e Solange Silva, em **A escrita no feminino e a escrita feminista em Baladas de Amor ao vento e Niketche, uma história de poligamia** (2006), ao designarem que o **discurso feminino**, no âmbito literário, representa um espaço ficcional apresentado por uma mulher – englobando aspectos vistos, vividos e sentidos –, ou seja, a exposição de uma vida no feminino, no caso de Conceição, uma vida feminina negra.

A literatura com um **discurso feminista** tem a finalidade de amplificar a voz e o espaço aos sujeitos que são sistematicamente silenciados pela sociedade, por estratégias patriarcais, que visam à manutenção e preservação do masculino; outro elemento que a caracteriza é o trabalho em prol de autorreconhecimento diante do outro. Tendo em vista o que as autoras tecem sobre a literatura feminina e feminista, de modo geral, é necessário frisar novamente que a escrita de Conceição Evaristo é feminina e feminista negra, dado o objetivo de agenciar as vozes das mulheres negras, a fim de promover reflexões.

### 3 As violências sexuais perpetradas contra os corpos femininos negros em Conceição Evaristo: o estupro

Conforme já mencionado, ao longo do texto, as violências que atravessam os corpos femininos, muitas vezes, foram “esquecidas” pelas literaturas de mulheres brancas, tendo em vista que elas, em sua maioria, se limitaram a tratar as violências simbólicas (Cf. DUARTE, 2010). A literatura de autoria de mulheres negras, por sua vez, quebra esse paradigma e traz à tona aquilo que foi recalcado pela literatura brasileira escrita por homens brancos e mulheres brancas.

Segundo levantamento da produção textual de Conceição Evaristo, realizado, identificamos casos de estupro nas seguintes obras: no romance **Becos da memória** (2017) – personagem Fuizinha; nas antologias de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) – nos contos: **Amarides Florença**, **Shirley Paixão** e **Isaltina Campo Belo**; e **Olhos d’água** (2016) – nos contos: **Duzu-Querença** e **Quantos filhos Nataliana Teve?**; e na antologia poética **Poemas da recordação e outros movimentos** (2017) – com o poema **A menina e a pipa-borboleta**.

Esse não é um tema recorrente apenas na ficção de Conceição Evaristo, mas marca a realidade brasileira, pois, segundo dados apresentados pelo **Anuário de Segurança Pública** (2019), no que diz respeito à violência sexual, no ano de 2018, foram registrados, ao todo, 66.041 casos, o maior número registrado até então. Além disso, outros dados são importantes para pensarmos a sociedade brasileira, dentre eles, a apresentação, em percentuais, de quem são as vítimas: 81,8% são do sexo feminino; 53,8% tinham até 13 anos; 50,9% negras e 48,5% brancas. A partir desses dados, é possível concluir que 4 meninas de até 13 anos são estupradas por hora e há cerca de 180 estupros, por dia, no Brasil.

Observa-se que as principais vítimas dos estupros, cerca de 50,9%, são mulheres negras, aliás, são meninas negras. O exposto nos permite compreender que as escrituras de Conceição Evaristo estabelecem, de fato, diálogo intenso com o contexto histórico e social das mulheres negras brasileiras, pois, dentre os sete casos de estupro identificados em suas produções, quatro são do mesmo perfil.

No romance **Becos da Memória** (2017), é retratado o processo de desfavelamento, por meio das memórias da protagonista narradora, Maria-Nova. Dentre as memórias que constituem a obra, há uma que nos chama a atenção, as violências intrafamiliares de Fuinha para com sua esposa e sua filha, Fuizinha. Segundo a narradora protagonista, Fuinha espancava as duas com frequência, e todos os vizinhos ouviam os gritos.

As agressões constantes culminaram na morte da mulher de Fuinha e, também resultaram para Fuizinha outra(s) forma(s) de violência(s), dentre elas, a sexual, uma vez que a menina passou a ser estuprada pelo pai:

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, a mulher é para isto mesmo. A mulher é para tudo. A mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 2017, p. 79).

Podemos verificar, considerando as ações de Fuinha, alguns aspectos que merecem destaque: (1) a validação da hipótese de Bonamigo, de que devemos usar o termo violências, assim, no plural, pois uma sempre estará atrelada a outras; no caso de Fuizinha temos, concomitantemente, violências simbólica, física e sexual; (2) o patriarcado corrobora a manutenção das violências contra os corpos femininos, dado o fato de que atribui à mulher o papel de objeto que está, constantemente, a favor do homem.

Tratando-se da antologia de contos **Insubmissas lágrimas de mulheres** (2016), deparamo-nos com três textos que tratam sobre o estupro: **Amarides Florença**, **Shirley Paixão** e **Isaltina Campo Belo**. As violências sexuais presentes nas duas primeiras narrativas, assim como as de **Becos da memória**, acontecem no âmbito familiar.

**Amarides Florença** é um dos treze contos que constituem a antologia; nele temos uma narradora protagonista que dá título ao conto, relatando as memórias traumáticas do estupro marital de que fora vítima. A narradora protagonista, sem grandes preocupações financeiras, relata que a maternidade foi uma escolha, porém aguardava o que ela denomina de homem certo para ser seu companheiro e pai de seu filho. Quando ela engravida, nos primeiros meses, tudo correu dentro da normalidade, todavia, paulatinamente, alguns fatos foram acontecendo, dentre eles, “acidentalmente” o marido esquecer em cima da cama um aparelho de barbear com

a lâmina acoplada, ferindo sua barriga; e, posteriormente, de forma “acidental” queimar o ventre da personagem com cigarro.

Há, sem dúvida, indícios de violência, daquela que Pierre Bourdieu em **Dominação Masculina** (2017) chama de violência simbólica, por ser sutil e, muitas vezes, demorar para que a vítima se conscientize da situação e aceite que está sendo, de fato, vítima. Porém, após o nascimento do filho, Emildes, Amarides Florença se vê questionada pelo marido acerca de quando voltará a ser dele, apenas dele e, num dado momento, quando ela estava a amamentar o filho, eis que é surpreendida com a violência do companheiro:

[...] estava eu amamentando meu filho [...] quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado [...]. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer a meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre a cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente um dos meus seios que já estava descoberto, no ato da amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou (EVARISTO, 2016, p. 17)

As violências sofridas por Amarides Florença são, conforme observamos, gradativas e culminam na violência sexual, reafirmando a ideia retrógrada da sociedade patriarcal de que a mulher tem um papel social definido: servir ao homem. No que diz respeito ao casamento, ela é vista, neste contexto, como objeto de posse do marido, devendo estar constantemente pronta para servi-lo, inclusive sexualmente.

A professora e pesquisadora Heleieth I. B. Saffioti, ao pensar a relação de gênero, no matrimônio, em seu texto **Já se mete a colher em briga de marido e mulher** (1999) chega à compreensão de que “[...] o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina” (SAFFIOTI, 1999, p. 88). Com isso, podemos compreender que o homem e a mulher, na sociedade patriarcal, têm papéis pré-determinados e, além disso, a mulher, independentemente da condição e do lugar que ocupa na sociedade, pode ser vítima de violências, inclusive, no lugar que, em tese, deveria ser de proteção.

No conto **Shirley Paixão**, a personagem que dá nome ao conto relata as memórias da(s) violência(s) intrafamiliar(es) de um pai que viola o corpo de sua filha, Seni<sup>4</sup>:

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa

---

4 Vale ressaltar que a personagem Seni era filha do primeiro casamento do agressor. Ele, após ficar viúvo, resolve ir morar junto com Shirley Paixão e suas duas filhas, e leva consigo as três filhas do primeiro casamento.

como ele retirava a filha do quarto e levava aos fundos da casa para machucá-la, como acontecendo há anos. Naquela noite, o animal estava tão furioso – afirmou Shirley, chorando – que Seni, para a sua salvação, fez do medo do pavor, coragem. E se irrompeu em prantos e gritos (EVARISTO, 2017, p. 31).

Na narrativa, é apresentado o fato de que a vítima sofria estupro há muito tempo, porém, somente após um longo período, as violências chegaram ao conhecimento de Shirley Paixão e da comunidade onde ela morava.

Até o momento, todos os casos de estupro relatados têm como agressor um ente familiar – pai ou marido –, contudo isso não é comum na literatura, em geral, mas se faz presente nas escrituras evaristianas. Esse fato não é comum somente na ficção evaristiana; segundo o **Mapa da violência contra a mulher 2018**, os abusadores estão dentro de casa, sobretudo, os de vulneráveis, os quais, cerca de 69,6%, são praticados por parentes. Observando os dados apresentados e a produção de Conceição Evaristo, podemos perceber que a realidade e a ficção estabelecem diálogo, uma das marcas da escrituragem.

No conto **Isaltina Campo Belo**, a narradora protagonista expõe que carrega consigo um conflito sobre sua identidade de gênero, uma vez que, embora tenha nascido com o sexo biológico de uma mulher, não se identificava como uma.

Após se formar em enfermagem, para esconder o menino que acreditava existir dentro de si, Isaltina parte em busca de trabalho e mais estudo. Certo dia, um colega de trabalho se declara para a personagem e, dada a relação estabelecida entre os dois, ela confia a ele a crença de que carrega um menino dentro de si e obteve a seguinte resposta:

[...] que eu devia gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre homem e mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2016, p. 64)

O colega não nomeado evoca alguns estereótipos relacionados às mulheres negras, dentre eles, podemos mencionar um instituído pelo patriarcalismo, compreendendo que a atração sexual da mulher precisa ser, apenas, pelo homem; o outro estereótipo está associado à questão racial, devendo ser pensado, neste contexto, atrelado ao gênero: ser mulher negra e, por isso, “tinha fogo”, o que reforça o estereótipo de mulata sensual e seu corpo erotizado.

A fala do colega de Isaltina pode ser entendida como uma violência simbólica. Dada a ideia de que uma violência sempre estará vinculada a outras, o rapaz não se ateve ao simbolismo, ele se uniu a outros homens e praticaram um estupro coletivo e coercitivo: “[...] cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Apesar de as violências que marcaram o corpo e a vida de Isaltina Campo Belo terem como consequência uma gravidez, que ela leva adiante, é a filha Walquíria que a auxilia a se descobrir uma mulher lésbica, ao conhecer Miríades, professora de sua filha e, posteriormente, o amor de sua vida.

No que diz respeito à antologia **Olhos d'água** (2016), identificamos entre os quinze, dois contos que mencionam o estupro, sendo eles: **Duzu-Querença** e **Quantos filhos Nataliana Teve?** Em **Duzu-Querença**, há o relato de uma mulher negra, moradora de rua que migrou para a cidade, quando criança, na esperança de trabalhar em casa de senhora e estudar. Todavia, o estudo foi deixado de lado e Duzu-Querença passou a trabalhar, desde que chegou à cidade, na limpeza dos quartos, sem ter ciência de que ali era um prostíbulo.

Certo dia, ao entrar em um dos quartos, sem bater, presenciou um homem e uma mulher dormindo e, por achar interessante a cena, num outro dia, entrou sem bater e presenciou o “[...] homem mexendo em cima das mulheres”. Em um dos quartos em que Duzu-Querença entrou, o homem “[...] lhe fez carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... a moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? O homem parou [...] Ele pegou a carteira de dinheiro e deu uma nota” (EVARISTO, 2016, p. 33). Dada a pobreza da menina e “agrados” recebidos, ela se deixou tocar outras vezes.

Houve um dia, então, que a criança Duzu-Querença não foi somente tocada, segundo narrado no conto, “[...] um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo” (EVARISTO, 2016, p. 33). Primeiro o aliciamento, segundo a exploração do corpo juvenil e, por fim, o estupro, que marca Duzu-Querença e a condena à vida de exploração de seu corpo e à pobreza.

Na antologia, há outro texto que menciona estupro, **Quantos filhos Natalina Teve?** Nele é relatada a quarta gravidez da personagem que lhe dá nome, resultado de um estupro. Alguns homens invadiram a casa de Natalina e a levaram de olhos vendados. No caminho, apenas um deles a leva para o mato e violenta o corpo-negro da mulher:

Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebentar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. Foi quando, ao consertar o corpo para se afastar dele, ela esbarrou em algo no chão. Pressentiu que era a arma dele. O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. (EVARISTO, 2016, p. 50).

O corpo feminino negro mais uma vez é violado. Porém, neste caso, a vítima reage à violência e mata seu algoz. Quando a personagem reage, ela rompe com o lugar de submissão e objetificação atribuído às mulheres, sobretudo, às mulheres negras. A falta de culpa, consequentemente, quebra um grande paradigma, uma vez

que, segundo Heleieth I. B. Saffioti, em **Gênero, patriarcado, violência** (2004), as mulheres, na sociedade patriarcal, foram treinadas para se sentir culpadas, inclusive quando são vítimas.

Natalina engravida e decide ficar com o filho. Ao contrário das outras três crianças que havia doado, ela o desejava, pois “[...] Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não” (EVARISTO, 2016, p. 41).

Além dos textos em prosa, Conceição Evaristo aborda na lírica a violência sexual, no poema **A menina e a pipa-borboleta**, presente na antologia poética **Poemas da recordação e outros movimentos** (2017):

A menina e a pipa-borboleta

A menina da pipa  
ganha a bola da vez  
e quando a sua íntima  
pele, macia seda, brincava  
no céu descoberto da rua,  
um barbante áspero,  
 másculo cerol, cruel  
rompeu a tênue linha  
da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel, seda esgarçada,  
da menina estilhaçou-se  
entre as pedras da calçada,  
a menina rolou  
entre a dor e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,  
a menina expulsou de si  
uma boneca ensanguentada  
que afundou num banheiro  
público qualquer (EVARISTO, 2017, p. 50)

Conceição Evaristo, por meio de uma construção poética marcada por figuras de linguagem, traz para o poema a(s) violência(s) contra os corpos infantis femininos, apontando o estupro que, em muitos casos, resulta em gravidez indesejada, roubando não só a ingenuidade, mas impelindo as mulheres a viver “entre a dor e o abandono” e, além de tudo, “depois, sempre dilacerada”.

#### 4 Para não finalizar...

Ao elaborar um projeto literário-estético-político que expõe a condição da mulher, sobretudo, da mulher negra e, em decorrência disso, projetar as violências que atravessam seu corpo – por meio de um brutalismo poético – Conceição Evaristo demonstra que toda a sua produção literária se desenha com o intuito de não só

denunciar e evidenciar as dores das mulheres negras, mas de mostrar a força que elas possuem.

Os dados acerca das violências contra os corpos femininos negros assustam e as que perpassam todos os gêneros literários elaborados por Conceição Evaristo causam certo incômodo e estranhamento. Todavia, estamos lidando com uma produção literária necessária. É preciso que outras mulheres sejam ouvidas, como Conceição Evaristo é ouvida hoje, criando, assim, uma confraria de mulheres que tragam à tona o que foi e é historicamente recalcado: as violências que atravessam os corpos femininos negros.

## Referências

- ABDALA JUNIOR, B. *Literatura: história e política*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- BONAMIGO, I. S. Violências e contemporaneidade. *Rev. Katál*. Florianópolis v. 11 n. 2 p. 204-213 jul./dez. 2008.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS (Org.) *Mapa da violência contra a mulher 2018*. Brasília; 2018.
- CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem. 2004.
- DALCASTAGNÊ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 31 Brasília, p. 87-110, jan./jun. 2008.
- DALCASTAGNÊ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 26. Brasília, julho/dezembro de 2005, pp. 13-71.
- DALCASTAGNÊ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.
- DUARTE, C. L. "Gênero e violência na literatura afro-brasileira". In: DUARTE, C. L. et al. *Falas do outro: literatura, gênero, identidade*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 229-234.
- EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, C. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. In. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*. Ano I, nº 1, agosto, 2005.
- EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017
- FERREIRA, R. da S.; RAMOS, C. P. Memórias da cidade: o espaço como elemento formador da narrativa em Becos da Memória. In: *Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - Abralic, 2018*, Uberlândia. Caderno de resumos do Congresso Internacional ABRALIC 2018, 2018. p. 1433-1444.
- FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019*. São Paulo: FBSP, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>. Acesso em 04 de outubro de 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org.). *Atlas da violência 2019*. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2019.

MARTINS, M. L. O feminino corpo da negrura. *Revista de Estudos de Literatura*. UFMG, Belo Horizonte, v. 4, p. 111-121, outubro de 1996

RAINHO, P.; SILVA, S. A escrita no feminino e a escrita feminista em Baladas de Amor ao vento e Niketche, uma história de poligamia. In: MATA, I.; PAILHA, L. C. *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa, Edições Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006.

RAMOS, C. P.; ALMEIDA, M. Conceição Evaristo: uma escrita de corpos femininos marcados pela violência. *Revista Athena*, v. 17, p. 14-25, 2019.

RAMOS, C. P.; ALMEIDA, M. Isaltina Campo Belo: a mulher negra lésbica em Conceição Evaristo. In: PAZ, J. F. da [et al.] (Org.). *Literatura, Cultura e Resistência*. 1ed. Joinville - SC: Clube de Autores Publicações S/A, 2020, v. 1, p. 105-126.

RAMOS, C. P.; FERREIRA, R. da S. Denúncia e resistência: uma possível leitura do conto Shirley Paixão, de Conceição Evaristo. In: Congresso Internacional ABRALIC, 2019, Brasília. *Anais Eletrônicos do XVI Congresso Internacional ABRALIC, 2019*. p. 329-336.

RAMOS, C. P.; FERREIRA, R. da S. Violência e subalternidade: dois caminhos que se cruzam na história da mulher afro-brasileira: uma possível leitura do conto Maria, de Conceição Evaristo. In: *Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada - Abralic, 2018*, Uberlândia. Caderno de resumos do Congresso Internacional ABRALIC 2018, 2018. p. 922-930.

SAFFIOTI, H. I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo em Perspectiva, *Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, vol. 13, nº 4, 1999, pp.82-91.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, T. D. Mulheres negras, pobreza e desigualdade. In: MARCONDES, M. M. [et al.] (Org.). *Dossiê Mulheres Negras retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013.

# Sexual violence: rape as a recurring pain narrated in Conceição Evaristo

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicity:**  
Fluxo contínuo

**Volume 6**  
**Number 1**

**Received in:** 11/04/2020  
**Approved in:** 18/01/2021

**Abstract:**

This article conducts a study on sexual violence, emphasizing rape as a recurring element in the *escrevivência* of Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo. It also pursued the map in his literary production - short stories, novels and poems - the characters who are victims of rape and, to reflect on the violence perpetrated against black female bodies and, furthermore, about the presence of black women in Brazilian literature, used the following theoretical and critical support: Bourdieu (2017), Bonamigo (2008), Dalcastagnè (2005;2007;2008), Duarte (2010) and Saffioti (1999; 2004).

**Keyword:**

Violence; rape; *escrevivências*; Conceição Evaristo.